

VISTA INTERIOR DA IGREJA DE S. SALVADOR EM BRUGES.

No 3.º vol. da nossa 1.ª Serie, a pag. 345, descrevemos Bruges, estampando uma vista tomada do canal. Foi nesta cidade que Philippe de Borgonha instituiu a mui nobre ordem do Tosão d'Ouro, cuja origem e prerogativas podem ver-se a pag. 308 do volume presente: o primeiro ceremonial, e a primeira investidura de cavalleiros, dizem que tivera lugar na igreja de S. Salvador, cuja capella principal se vê na gravura acima.

Bruges sustenta bastante commercio, facilitando-o a navegação que se faz pelos canaes. — Como estes meios de facil comunicação, preferíveis em grande parte da Belgica e Hollanda aos caminhos terrestres, são tão nomeados nos outros reinos; pareceu-nos bem dar breve informação delles, extrahindo-a de um livro portuguez (*). —

(*) *Cinco annos d'emigração*; pelo Sr. Pereira do Lago: carta 39.ª

«Largando a estrada, que sahe de Gand, embarquei em um magnifico barco, só para passageiros, pelo canal de Bruges, *chef-lieu* [cabeça] da provincia da Flandres occidental: — sete leguas, que fiz em cinco horas e meia e com a despeza, por mim e a minha bagagem, de dois francos [400 réis pouco mais ou menos]. — Estes canaes, que fazem a principal comunicação interior nos Paizes-Baixos, são ordinariamente de 100 a 150 palmos de largura, que é sufficiente para passarem dois barcos: não teem sempre revestimento de cantaria, mas geralmente de terra coberta de relva, com a inclinação natural para se suster, e assim ficam segurissimas as suas margens, por cima das quaes ha excellentes caminhos, por onde vão os cavallos, guiados por um conductor, puxando o barco por meio de uma corda presa ao mastro; e para que nenhuma commodidade falte, até ha um jantar, e almo-

ço, muito bem servido, o que está bem claro que deve ser pago, além da passagem, por quem o quiser tomar. — De Bruges continuei pelo canal até Ostende, e mal tinha acabado de chegar [vin-do pelo interior do paiz] junto de mim fundeu um navio, que entrára pela barra, do qual apenas uma *eclusa* [comporta ou repreza] nos separava: — comecei logo a admirar os grandes trabalhos hydraulicos. A minha justa admiração se augmentou quando depois de entrar na caldeira, que communicava com o canal que acabava de deixar, eu vi que a agua nesta estava mais baixa que o mar. Por meio d'engenhosas *eclusas* a caldeira se enche nas marés vivas, e se vasa nas mortas, e de tal sorte que parece que o mar vem alagar todos aquelles terrenos, entretanto que a arte zomba do seu furor: foi por esta grande obra que Napoleão jámais alli pôde esquecer. A outra caldeira, que tambem por meio d'*eclusas* se enche para dentro fundearem os navios, quando toda a entrada fica secca na baixamar, é um monumento do imperador José 2.^o — A meia legua de Ostende ha outras *eclusas*, para conter o grande canal, as quaes são de uma grandeza superior a todas, abrem por outro modo com barras de ferro dentadas, que das portas vem pegar em cabrestantes no caes, e que assim se abrem á proporção da agua que se quer deixar entrar, que já tudo está marcado na muralha. Deste modo se obtem navegação interior; esgote de terrenos; e defesa em tempo de guerra, porque abrindo-se todas as *eclusas* os campos se alagam. Que tão diverso paiz do resto do continente! Quem só viu este não forma idéa daquelle. Immensos canaes de navegação interior: grandes caldeiras e reservatorios de agua; as aguas que se estagnam desseccadas; campos roubados ao mar e conservados por magnificas *eclusas*, nenhuma montanha, poucos montes, muitas planicies admiravelmente cultivadas, e tudo isto na superficie de 2:400 leguas quadradas, confinando com a França, com a Prussia, e com Hannover, aqui tens o que chamam Paizes-Baixos e que eu chamaria *paizes artificiaes*.» —

NOTICIA Á CERCA DAS POSSESSÕES PORTUGUEZAS NAS
ILHAS DE TIMOR E SOLOR, E DA SUA
IMPORTANCIA ACTUAL.

QUANDO as vicissitudes da fortuna nos hão privado das mais ricas e formosas conquistas e colonias, fundadas com tanto zelo, valor, e sangue portuguez, parece duplicar-se o interesse pela conservação e estimação do que nos resta, e augmentar-se o gosto de commemorar nossas glorias antigas, maiormente quando estas ainda estão ligadas a possessões existentes. Nesta pequena lista de nosso patrimonio indico entram os estabelecimentos que ainda temos na ponta do sul do archipelago de Moluco em varias ilhas, os quaes todos estão comprehendidos de baixo da denominação de = Governo de Timor e Solor. = Nosso desleixo e incuria proverbial, e talvez um certo orgulho de deslembrar o pouco que possuimos em comparação do que já tivemos, tem condemnado esta porção de nossos dominios a um quasi total esquecimento; e receamos que para a maior parte dos portuguezes não sejam estes nomes classicos de *Solor* e *Timor* [reliquias das proezas e capacidade dos Galvões e dos Britos, outr'ora famosas e acatadas naquelle archipelago], tão desconhecidos, ou indifferentes como os demais pontos daquelle 5.^a parte do globo.

E comtudo ainda o que ahi conservámos é objecto de consideração, tem importancia politica e commercial, é susceptivel de grande melhoramento, e não destituido de curiosidade instructiva para o homem pensador.

O acaso fez que viesse parar á nossa mão uma collecção de documentos ineditos, alguns originaes, outros copias de registos officiaes, todos authenticos, e dos quaes podémos colher noticias e particularidades interessantes, tanto mais preciosas quanto se referem a tempos proximos, e appresentam o estado actual daquellas possessões. O que porem mais que tudo nos interessou e commoveu foi encontrar ahi em lugar de perdas e diminuições, a que desde certo tempo estamos triste e desconsoladamente acostumados, aquisições e augmentos de territorio ou de poder; — cousas que fazendo excepção em nossa mesquinha fortuna, não tem por isso deixado de passarem quasi de todo despercebidas e ignoradas. As novidades pois que aqui lançámos são extrahidas fielmente dos ditos papeis, servindo-nos sómente d'outras fontes nas noticias que respeitam á historia daquellas ilhas segundo julgámos necessario para illustração e ligação da materia.

Situação das ilhas de Timor e Solor, vantagens da sua posição, alterações occorridas na sua dominação.

Na ponta do sul do archipelago das Molucas está outro mais pequeno grupo de ilhas, pouco distante das famosas possessões hollandezas, em o qual são principaes as de Timor e Solor. O nosso cosmographo, Pimentel, assigna ao porto de Babão na primeira dellas 10 grãos e 10 minutos de latitude ao sul, e 142 grãos e 45 minutos de longitude do meridiano da ilha do Ferro. Timor tem umas 60 leguas de comprimento e 18 na sua maior largura; Solor tem 45 leguas ao longo e 12 ou 13 de largo. Sua situação é singularmente vantajosa para o nosso commercio indiano e chinez, porque offerecem nos seus portos um intreposto central entre os mares, ilhas e continentes de Moluco, da China, do Japão e da Oceania. Desde muitos annos, e ainda hoje são um dos anneis da cadêa do commercio de Macáo, que ahi envia todos os annos um navio carregado de drogas e mercadorias, ou proprias da China, ou reexportadas d'outros pontos, e recebe carregação de sândalo, madeira odorifera de que os chins usam em varios misteres, principalmente no culto religioso de seus idolos, queimando-o em lugar d'incenso.

Ninguem supponha que somos nós possuidores de todo o territorio destas ilhas. Ainda em tempos mais felizes não eramos nós tão abundantes de gente e meios com que dominassemos paragens afastadas de nossas possessões indianas, onde tinhamos mais certa e commoda ganancia. Entretanto até uma epocha pouco remota de nossos dias eramos nós portuguezes só os senhores e como os moderadores daquellas ilhas. Occupavamos os pontos e portos melhores dellas, e haviamos ahi fundado algumas povoações consideraveis, defendidas com seus fortes e tranqueiras, palacio do governador, feitoria e casa d'arrecadação, igrejas, hospicios, e até convento de missionarios. A séde do governo era *Cupang*, linda povoação, onde o governador geral de todos os nossos estabelecimentos nas differentes ilhas, com um batalhão somente e poucos officiaes, ordinaria-

mente tirados de Macáu, impunha respeito, e continha na obediencia os 45 regulos do interior! Dahi destacavam um cabo d'esquadra e 4 soldados para o presidio de Solor, e tal era a força que atestava e sustinha a dominação portugueza na ilha inteira: outra igual força se entranhava pelo paiz dentro, e ia cobrar os tributos que os chefes remissos demoravam. A colonia não florescia, mas em fim era só nossa. Assim estavam as cousas quando os hollandezes da opulenta Batavia vieram sugeitar nossa fraqueza á sua cubiça, e não sabemos porque artes, nem com que vergonha e tolerancia nossa se introduziram em nossos estabelecimentos, e delles nos expulsaram sem guerra, guardando-os para si! É este um dos phenomenos de politica púnica, que não nos atrevemos a explicar. Forçoso foi então aos portuguezes buscar novos lares, e assentar n'outras paragens. A linda e graciosa Cupang estava n'uma enseada de Timor; e era a capital de nossos domínios ahi, ao sudoeste da ilha; nella tinhamos boa fortaleza antiga, e excellente porto. Della nos despojaram, e tivemos de fundar outra na costa do noroeste, onde construimos a nova capital e residencia do governador, chamada *Dille*. Em Solor nos tomaram toda a costa occidental, onde tinhamos igualmente fortaleza; e passámos para a parte oriental estabelecendo a principal povoação portugueza na ponta mais ao oriente a que se chama *Larantuca*. Á vista do que abaixo mostraremos da preferencia dada pelos potentados indigenas á sugeição portugueza parece que não são ahi mui queridos os hollandezes, os quaes apezar de sua força e preponderancia colonial naquellas paragens não tem podido esquivar-se á mortificação de presenciar a nossa conservação e os nossos augmentos. Qual será a explicação genuina deste phenomeno? Serão os regulamentos, costumes, e usos realengos e cavalleirosos dos portuguezes, mais analogos á constituição do paiz e indole dos naturaes do que as feições cúpidas e democraticas dos mercadores hollandezes? Será a maior suavidade e doçura de nossa administração colonial? Será a decidida vantagem e preponderancia do culto e do clero catholico, e as doutrinas e cathecheses dos padres das missões que ahi tinhamos? Será um resto de respeito e acatamento aos grandes nomes dos antigos vice-reis da India? Talvez um pouco de tudo isto.

O exemplo repugnante daquelle escandaloso latrocinio nos deve tornar vigilantes e precavidos para o futuro. Já hoje não ha homem d'estado que confie sómente na fé dos tratados; é indispensavel firmar e defender as possessões [maritimas principalmente, tão remotas, e com tão suspeitosa visinhança] com braços armados, com bons regulamentos, com boa escolha de auctoridades, e com justiça e moralidade que nos faça respeitar e amar dos povos indigenas. Á sombra dos tractados estavamos nós em tempos d'elrei D. João 4.º quando a necessidade das duas potencias era commum, o libertar do jugo castelhano; estipulado estava pelo tractado da Haya entre Portugal e Hollanda liga offensiva e defensiva na Europa, e treguas no Ultramar, afim de que uma e outra conservassem suas possessões no *statu quo*; e nem por isso deixaram os hollandezes de continuar suas depredações em nossas colonias da India, e de sorprehender-nos a importantissima Angola!

Da população destas ilhas, seu clima e produções.

Os habitantes primitivos do paiz são malaios, que

em tempos remotos passaram do continente do Indostão, da sua ponta mais prolongada pelo mar, para as ilhas que lhes ficavam fronteiras. Esta raça malaia é a dos valentes da Asia; já Camões o notou com a sua rara exactidão historica. Os que habitam nas planicies, que avizinham o Oceano, são mais trataveis e domesticos pelo longo tracto de mercancia que tem com estrangeiros, chins, portuguezes, hollandezes e outros. Os das montanhas que estão no interior são bravios e ferozes. Seus costumes tem resabio da constituição que distinguia estes povos do continente indiano de todos os outros; onde eram os senhores feudaes do Oriente com todo o poderio e dominio sobre os pobres vassallos. O geographo, Pinkerton, ficou admirado de encontrar em Malaca, ponto tão prolongado da Asia, onde o despotismo verdadeiro e classico tem feito assento e morada de tempos immemoriaes, uma aristocracia feudal propriamente dita. Ahi as familias nobres, como as da Europa na meia idade, dividem entre si o territorio, governam os habitantes, vivem á custa de seus suores, e os conduzem á guerra. Assim procedem nas suas colonias e assim subsistem até hoje com a unica modificação de ser o rei portuguez o senhor suserano daquelles que se tem posto debaixo de nossa bandeira, como depois diremos. O clima de Timor é geralmente considerado sadio, o de Solor o é menos. Os europeus comtudo ahi padecem muito de dysenterias, como acontece em quasi todos os paizes que visinham os Tropicos. Os naturaes são isentos deste flagello porque usam todos os dias de banhos frios, e untam o corpo com azeite de palma. Tomam continuamente o betel, que jámais largam em casa, e em viagem. O seu luxo é trazerem sempre o sacco pendente do hombro em que trazem uma cabacinha de cal, a caixinha d'areca e as folhas de tabaco e betel: misturados todos estes ingredientes, os mascam; e é esta composição que se chama *betel*. Este uso de substancias mais ou menos corrosivas lhes faz cariar os dentes até as gengivas, e poucos os conservam, passados os 25 annos de idade.

Os senhores e proprietarios tem muitos escravos, já seus, já vindos do continente e das ilhas da Oceania; que nem este apanagio de grandeza lhes falta: entre estes são mui estimadas as escravas da ilha de Rotie por serem bem parecidas. Estas ilhas são pouco visitadas de viajantes, que encontram na proxima Batavia todas as commodidades á europea para se refazerem de suas fadigas, e refrescarem seus navios. Destes exceptuamos os 2 francezes, Peron e Freycinet, que na sua viagem em volta do globo as visitaram entre os annos 1802 e 1804. Elles porem sómente percorreram uma pequena parte de Timor, e ainda isso no lado da dominação hollandeza, de que é capital Cupang. Em seu encarecimento sobre a bondade do clima, extraordinaria fertilidade do solo, variedade e riqueza de produções, forçoso é reconhecer exaggeração, não obstante que os novos dominadores tem sabido melhor do que os portuguezes aproveitar a colonia e tirar della melhor partido.

As produções destas ilhas seriam todas quantas florecem no archipelago visinho das Molucas, e outras proprias do continente fronteiro, se houvesse cultura: mas nos estabelecimentos portuguezes apenas o sandalo é artigo de riqueza commercial para exportação: esta arvore ahi é indigena, e cresce a uma extraordinaria altura, como as nossas nogueiras. Sua madeira odorifera é principalmente

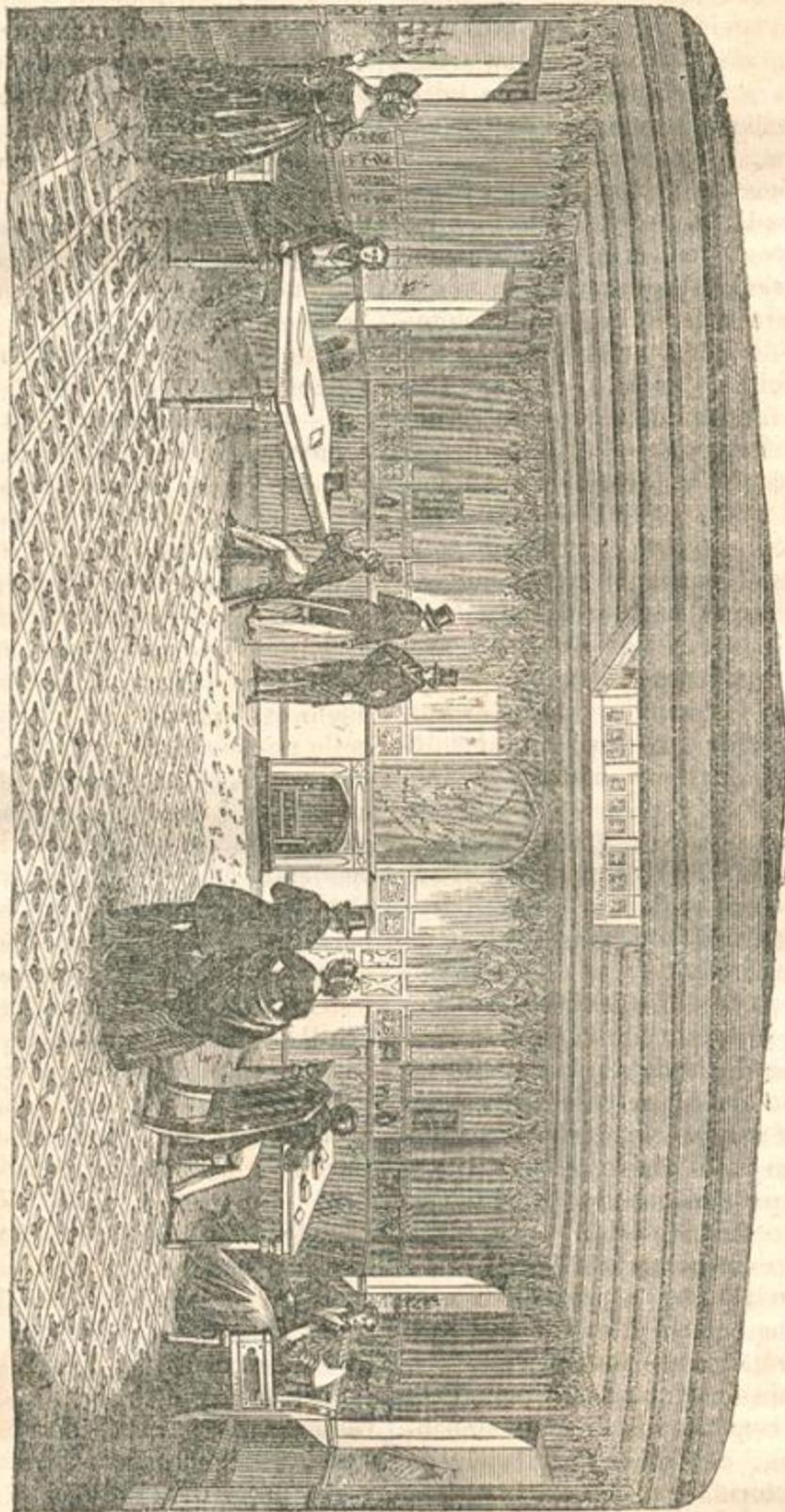
estimada dos chins que se servem della para queimar diante de seus idolos, perfumar os templos e as casas, e para obras delicadas de pequenos cofres, bocetas, leques e ventarolas, por causa do suave cheiro que exhala. Produzem tambem a canella tão fina como a de Ceylão: e todas as demais especia-rias dariam se as cultivassem. Mas os costumes

malaios e suas preocupações de fidalguia impedem os trabalhos agricolas; e os pobres camponeses vivem opprimidos debaixo d'uma especie de servi-ção: só o tempo e a maior população europea á força de bons exemplos poderia modificar essas preoc-upações.

(Continuar-se-ha.)

J. C. N. C.

A SALA DE JANTAR NO BARCO POR VAPOR « O PRESIDENTE. »



A COMPANHIA britannica e americana de navegação por vapor construiu duas embarcações de desmesurada grandeza, que dizem ser das mais compridas de poppa á prôa de quantas se tem feito nos estaleiros até o presente; são movidas por vapor, e destinadas á viagem entre Londres e Nova York: a primeira chama-se *rainha britannica*: a segunda *o presidente*, que foi deitada ao mar em 7 de dezembro de 1839; a figura da prôa representa o busto do celebrado presidente dos Estados-Unidos, Jorge Washington: é barco da capacidade de 2366 toneladas, e a força das machinas corresponde á de 600 cavallos. Com magnificencia e luxo foi interiormente

adornado este navio: um papel escripto em 1840 compara-o a um vasto palacio fluctuante, e exprime-se por estes termos: — «Em vez das accommodações ordinarias a bordo, achâmos em o nosso colossal vapor uma serie de camaras, que pelo gosto e elegancia de seus ornamentos desafiam as mais soberbas dos edificios urbanos: nos quartos para passageiros combinam-se as importantes vantagens de ventilação, de claridade, e de sufficiente espaço, com mui rica decoração. Na primeira ponte ha um salão ou casa de jantar, de 34 pés de largura por 38 ditos de comprimento, communicando-se com um largo e alto corredor, d'ambos os lados do qual

ha os camarins com janellas, que são destinados para os passageiros de primeira classe: os quartos para senhoras ficam em logar separado. — O estilo de todo o ornamento é o gothico privativo d'Inglaterra, nos seculos 13.º e 14.º, a que chamam de Tudor. No salão as almofadas e apainelado que forma as paredes são de primorosa obra de talha; os moveis são de carvalho, mui polido, e de laçarias, florões e brutescos á gothica; as cadeiras teem assentos de veludo escuro: ha quatro mesas para comer, que inteiramente abertas accommodam 120 pessoas: aos lados da sala e junto ás quatro janellas que deitam para o mar, uma em cada canto, estão collocados sofás com muito aceio. O gabinete das senhoras é adornado com igual fausto e primor. — O corredor imita uma galeria d'uma casa nobre; por todo elle, incluindo as portas, não se vê senão obra magnifica de talha, e aos lados pinturas fingindo tapeçaria antiga, que representam os lances da vida e as empresas de Christovão Colombo. — A segunda ponte tem capacidade para 116 a 120 pessoas, e se nella não reina tanto luxo como na primeira, não faltam as commodidades, e um tal aceio e adorno, que ainda a muitos parecerá fausto.

A riqueza deste moderno navio traz á lembrança a celebrada galera d'Hieron, rei de Sicilia, que foi uma das maravilhas da antiguidade.

JOGOS DE AZAR E LOTERIAS.

Esopo, que todos sabem era um homem de juizo da antiguidade, por desenfado de suas tarefas tomava por honesta recreação o jogar as nozes com os rapazes, e assim desafadigava o espirito cansado, que mal podia sem esta folga aturar em seria applicação. Ao lermos este facto da vida d'Esopo, que a tradição nos transmittiu, mal podemos deixar de exclamar: que bom tempo era esse, em que os rapazes só jogavam as nozes! Hoje em nossos dias, pelos caes, praças e até adros de igrejas jogam as chapas, a mosca, a lasca, os dados e a petisca a bellos cobres e pratinhas miudas, á custa das algibeiras alheias que esgravatam, e dos amos a quem logram nas compras!

Os grandes legisladores dos tempos antigos conheciam bem a natureza do homem; e por isso em suas instituições, e mórmente no systema de educação publica, não só permittiram, mas até estabeleceram jogos publicos para divertir o povo, e ao mesmo tempo forma-lo nas boas artes, que serviam aos fins da sociedade civil: não eram jogos de mero prazer e divertimento, aonde se perdesse tempo, só para se recobrar o animo da fadiga, e mais folgado tornar aos trabalhos da vida: eram jogos que robusteciam o corpo, formavam o espirito, e faziam dos homens soldados valorocos, bons cidadãos, sabios illustres e homens litteratos. A lucta, o pugilato, a equitação, a poesia, as bellas letras, a philosophia, tudo entrava em scena nos famosos jogos olimpicos, e nas planicies de Elèa. Um só momento de tempo não perdiam, e todo o aproveitavam para a causa publica, sabendo concorrer ao mesmo tempo para muitos fins.

A sabedoria dos antigos legisladores nesta parte não passou para os modernos, e os jogos nacionaes de hoje vêem-se, pela maior parte, regulados mais pelos costumes, character, caprichos, ou phantasias dos povos, do que por instituições publicas dos governos. Os portuguezes gostam de touros, e

jogam a barra e a bola: os inglezes divertem-se com as corridas de cavallos, e jogam os murros, sem que o seu governo julgue util o metter-se nisso. Fallámos dos jogos publicos nacionaes, usados pelos antigos, como instituições publicas, inventados para divertir o povo, formar e policar os cidadãos, e até para attrahir aos espectaculos os homens polidos de todo o mundo, e assim augmentar o commercio e a industria nacional: porquanto com outros jogos particulares se tem embaraçado todos os governos, para os defender ou permittir, segundo lhes pareciam uteis, ou perigosos aos costumes dos povos: e por isso vemos tambem que em todas as nações policiadas os governos tem prohibido os jogos de azar ou de fortuna, pelo contrario permittindo os de puro saber, em que não entra sorte e lance de fortuna, ou ainda os jogos mixtos, em que entra a fortuna e o saber, ou a sagacidade innocente.

Em verdade com boa razão prohibem todos os governos illustrados os jogos de azar e de parar, fonte e origem infeliz de todos os crimes e corrupção, que n'um instante podem devorar a substancia de muitas familias, reduzi-las á miseria e perdição só por o lance de um dado, que a cegueira da paixão não deixa prever, e até reputa impossivel. — A todos os jogadores devêra escarmentar o exemplo dos germanos [como no-los descreve Tacito] aos quaes levavam a tal excesso a cega e desatinada paixão do jogo que chegavam a jogar os gados, os cavallos, as armas, suas principaes riquezas, depois até os proprios vestidos, por fim jogavam-se a si, suas mulheres e filhos, vendendo-se por escravos com toda a sua familia; tanto imperio tinha nelles o seu infame vicio, que sendo por extremo idolatras da liberdade [como bem o acreditaram nas guerras com os romanos] chegavam por força do vicio do jogo a deitarem-se na escravidão!

Uma observação que não escapa aos homens pensadores é que as nações mais pobres, mais abastardeadas e corrompidas, são as que mais frequentam e cultivam as peloticas de todos os jogos. Os grandes e famosos jogadores são quasi sempre aventureiros sem fortuna, que escolhem o jogo, como um modo de ganhar a vida; por isso que o engenho de taes cavalheiros d'industria é mais abundante de traças e ardís do que de cabedaes.

Na nossa terra de Portugal, nesta terra que poderia ser tão feliz, as leis prohibiram a *tabolagem* [como se lhe chama em nossas ordenações] isto é, as casas publicas de jogos de parar, e só permite com licença da policia os de mera sagacidade, ou os de fortuna e saber; uma cousa porem notamos em geral, e é que a reforma dos costumes, as más inclinações, os habitos viciosos mui inveterados, que tem sua origem na ociosidade e pobreza do povo, só se curam e emendam, inspirando á nação o amor do trabalho, abrindo os canaes entupidos da agricultura e commercio, promovendo a industria, e por fim tendo o povo empregado no que é de utilidade e proveito. Este é o unico modo de cortar o vicio do jogo e innumeraveis outros pela raiz: em quanto isto se não fizer, todas as leis criminaes serão vaãs e insufficientes, e só alcançarão multiplicar os castigos, sem proveito e reforma cabal dos costumes.

Entre os jogos de azar, e de parar, ha uma especie permittida por alguns governos, e até não ha muito o era pela Inglaterra, aonde ninguem se des-

doura em ir aprender a sciencia governativa: que-remos fallar das loterias. Estas tiveram seu principio em Italia, como o nome de origem italiana o está dizendo, e dahi se propagou para todas as partes este mui desastrado invento. Não duvidámos afirmar que esta especie de jogo, apesar de ser menos violento que os outros de parar, é similhan-temente pestifera para os costumes publicos, por influir no povo a paixão de jogar ou de arriscar dinheiro a um lance desigual da fortuna, alem disso é uma especie de roubo, pois em todos os mais jogos de fortuna ha igualdade, ha pelo menos para os que jogam a mesma probabilidade de perder ou de ganhar, em quanto pelo contrario nas loterias é certo o lucro para aquelle a quem se concedem; quanto mais, com ellas dá-se azo a infinitas usuras e ladroerias, que sempre commettem os passadores dos bilhetes. Podem talvez dizer-nos, que essas loterias são concedidas sempre para fins religiosos, e causas pias, mas de certo o fim por mui piedoso não justifica o meio, accrescendo a rasão que todos os meios de accodir a estas necessidades, ainda os mais gravosos, são melhores do que lançar mão de um vicio que arruína os costumes publicos.

Para que se forme uma idéa exacta do que é este jogo, bastará lançar os olhos para qualquer plano de uma loteria. O que se vê alli — doze por cento concedido a beneficio do estabelecimento que faz a loteria; — cinco por cento de imposto, estabelecido por lei, sobre os premios; e como se isto não bastasse, quando o bilhete é dividido em cautelas, vinte por cento sobre o valor que a cautela representa, e ás vezes quarenta por cento e mais sobre as cautelas menores como as de 25 réis, que se vendem ao povo por 40 réis! Ora aqui temos pois um jogo no qual se entra soffrendo logo o prejuizo certo de 37 por cento, e por vezes mais segundo a natureza da entrada. E alguém dirá que similhante jogo deve ser auctorizado entre uma nação policia-da? Se ainda por algum principio se quizesse sustentar a necessidade de conservar este abuso pela impossibilidade de prover á dotação pia, deveria pelo menos o defensor das loterias cooperar pedindo que cessasse o abuso do monopolio na venda dos bilhetes, e nas multiplicadas fraudes que se praticam: começando por exigir que se vendessem ameadas e quartos de bilhetes sem premio no estabelecimento aonde se vendem as loterias, e acabando por aconselhar que prestassem fiança essa alluvião de vendedores de cautelas, que mais de uma vez tem desaparecido com bilhetes premiados.

Mas todos esses remedios são um palliativo que não cura o mal, nem melhora a condição da moral publica. O unico, o verdadeiro remedio heroico consiste em seguir o exemplo da Inglaterra, que acabada a guerra acabou com essa fonte de demoralisação. Abençoado será o dia e o governo, que em Portugal acabar com esses jogos, ou antes *toleria*, que por casual acerto é o anagramma da palavra *loteria*!

P. M.

O CANCEIRO DO COLLEGIO DOS NOBRES.

Houve um tempo [é força confessa-lo], em que os maiores monumentos litterarios de Portugal, ignorados por quem mais interesse tinha em conhece-los, despresados por quem mais devia ufanar-se de possuí-los, ou sahiam barra fóra para ir ornar e enriquecer bibliothecas estranhas, ou jaziam den-

tro da patria sepultados e envoltos no pó das bibliothecas e cartorios, sem haver mão caridosa, que ousasse sacudir-lh'o; e já era muito o estarem a salvo de mão inimiga, que os despedaçasse e destruisse. — Este nosso seculo, porem, que tanto inculca viver do gozo do presente, e que talvez viva mais das recordações do passado do que o seculo passado viveu das esperanças do futuro; este nosso seculo, dizemos, vai dando um varejo geral a todas as antigualhas, e sobre tudo se mostra inexoravel com os velhos pergaminhos. — Um dos primeiros escriptos portuguezes, que foi tirado á luz nesta moderna revisão archeologica, foi o vulgarmente chamado *Cancioneiro do Collegio dos Nobres*. — Um estrangeiro, bem celebre na historia moderna da nossa patria, mas finalmente um estrangeiro, foi ainda o editor desta preciosa obra; que sahio com o titulo seguinte.

«*Fragmentos de um Cancioneiro inedito, que se acha na livraria do real Collegio dos Nobres de Lisboa. Impresso á custa de Carlos Stuart, socio da Academia Real de Lisboa. Em París, no Paço de Sua Magestade Britannica. MDCCCXXXIII.*»

Postoque impresso, é todavia o livro bastante-mente raro. Não nos consta que fosse posto á venda; e os exemplares, que appareceram, são dadi-vas do editor. Parece-nos pois que para muitos de nossos leitores teria sua novidade uma noticia deste escripto.

Qual fosse o titulo da obra, ou se o teve, não póde saber-se ao certo, por estar falta das primeiras folhas. *Cancioneiro* lhe chamou o editor. Um illustre litterato, nosso amigo, a cuja benevolencia devemos o favor de ter á vista um exemplar da obra, faz reparo em servir-se o editor daquelle titulo, sendo os versos todos de um só auctor. — Verdade é que folheando as obras, com tal titulo publicadas, achamos que se compõem de trovas e canções de varios auctores; mas não nos parece que este argumento seja sufficiente para censurarmos a applicação do titulo. — *Cancioneiro* é collecção de canções. De canções é composta a obra, de que fallamos; e o serem ellas todas do mesmo auctor, e ainda reproduzindo sempre o mesmo pensamento fundamental, nem por isso deixam de ser canções, isto é *cantigas*; e tão verdadeiras *cantigas* que os largos espaços interlineares, com que se acha escripta a primeira strophe de cada uma, deviam receber [na opinião do erudito auctor da *Advertencia*] as notas de musica, porque houvessem de ser cantadas. Não escrupulisemos pois de chamar-lhe *Cancioneiro*.

A curta, mas erudita *Advertencia*, que no livro anda impressa, é obra do bem conhecido Thimothéo Lecussan Verdier, tão benemerito das lettras portuguezas; e postoque não traga o seu nome, facilmente se revela pelo estilo, e fóra de toda a duvida no-lo afirma o nosso amigo, dono do livro, pelo saber do proprio Verdier. Aqui dá elle a descripção do codice; e depois de fallar no estado da sua conservação, e de notar que antes do *Cancioneiro* anda um *Nobiliario*, tambem falto de algumas folhas, continua — *A letra parece ser do seculo XIV, ou talvez anterior: as paginas sam partidas em duas columnas: os caracteres sam claros e bem formados: as letras iniciaes sam majusculas e pintadas, ora de azul, ora de duas cores O idioma, portuguez castiço, inda parece mais antigo que o caracter da letra; pode appellar-se cuévo do*

seculo XIII, e de certo he anterior ao reinado de D. Diniz. =

E nós em confirmação desta opinião de Verdier allegaremos com o testemunho do eruditissimo philologo, D. Fr. Fortunato de S. Boaventura, que no 1.º Tom. dos seus *Ineditos* de Alcobaca, por occasião da palavra *chus*, que tambem se encontra no nosso Cancioneiro, diz = *Chus traducção do Latino plus, acha-se em documentos do principio do seculo XIV; porem do meio deste seculo por diante não se-rá facil que se encontre uma só vez esta palavra, que é rarissima ainda nos documentos e livros, que se es-creveram desde 1300 até 1330.* =

O pensamento fundamental de toda a obra é de queixume e sentimento de um cavalleiro apaixonado por certa dama, a qual sempre surda, e de isento coração, se não dignava acceitar as protestaões de seu desvelado amante. — Coitado se chama a si muito amiude o pobre cavalleiro. E bem coitado, que provou do mais amargo fel, que amor distilla nos alambiques de sua maldade e desprezo! Só podéra ser mais coitado se na mesma taça se espremê-ra o violento veneno do ciume. Nada porem indica este ultimo tormento. As suas queixas são doridas, são desconsoladas, mas não fogosas, nem freneticas. Ouçamo-lo por um pouco [a folhas 50].

Sennor fremosa pois me não queredes
creer a cuit an que me ten amor
por meu mal e que tan ben pareçdes.
e por meu mal uus filei por Sennor.
e por meu mal tan muito ben oy
dizer de uos e por meu mal uus ui.
pois meu mal e quanto ben uus auedes.

E pois uos uos da cuita nō nēbradez
nen do affan q̄ ma mor faz prender.
por meu mal uiuo mais ca uos cuidades
e por meu mal me fezo deus naçer.
e por meu mal nō morri u cuidei.
como uos uysse por meu mal fiqui
uiuo, pois uos por meu mal ren non dades.

Desta cuit an que me uos teēdes
en que ogeu uiuo tan sen sabor
q̄ farei eu pois mia uos nō creedes
q̄ farei eu catiuo pecador
q̄ farei eu uiuendo sēpr assi.
q̄ farei eu q̄ mal dia naçi.
q̄ farei eu pois me uos não ualedes.

E pois que deus non quer me uallades
nen me queirades mia coita creer
q̄ farei eu por deus q̄ mio digades.
q̄ farei eu se logo nō morrer.
q̄ farei eu se mais a uiuer ei.
q̄ farei eu q̄ consello nō sei
q̄ farei eu que uos desemparades.

O editor esmerou-se na fidelidade da reproducção do codice. Entendemos porem que foi infeliz a sua nimia fidelidade, em quanto conservou no impresso as abbreviaturas do manuscrito; não só porque os caracteres da imprensa não podem retratar bem as abbreviaturas, naquelle tempo usadas, mas ainda porque embaraçam gravemente a leitura aos menos versados na paleographia.

Este livro merecia pois uma nova edição, que o tornasse verdadeiramente vulgar e conhecido. O original está na bibliotheca real da Ajuda; e na bi-

bliotheca publica eborense ha mais onze folhas do proprio codice, as quaes já andavam extraviadas ao tempo em que se tratou de publica-lo.

J. H. da Cunha Rivara.

A primeira escola polytechnica. — Esta palavra rigorosamente grega é composta de outras duas, que valem em sentido proprio a denominação de uma escola, em que se ensinam muitas artes. Este nome foi dado por Prior a uma escola creada por Monge, Vandermonde, Berthollet, e Hassenfratz: este titulo, aliás de tanta celebridade pelos sabios, que teem sabido daquelle gremio, não corresponde á rigorosa significação que deveria ter; porquanto só ha naquelle instituto o ensino das sciencias exactas, e não o das artes.

De todos os fundadores e mestres de tão importante estabelecimento, Monge é o mais digno de menção: este celebre geometra e physico, nasceu em Baune em 1746 e morreu em Paris em 1818. Quando já o tinha elevado a carreira litteraria a mui distincta posição social, succedeu a revolução franceza: Monge, persuadido da possibilidade de aperfeiçoar o genero humano ou melhorar o estado da sociedade, seguiu essa nova ordem civil e politic, adedicando-se aos principios democraticos: foi nomeado ministro da marinha, onde prestou importantes serviços á França com os trabalhos sobre arsenaes e outras repartições: cargo, que d'ahi a pouco renunciou, por estar persuadido de que seria impossivel, á vista dos desvarios que violentamente agitavam tantas cabeças, realisar o bem, a que aspiravam. A utilidade porem, que tirou a republica das lettras da consideração, que sempre mereceu este sabio, fez com que fosse chamado para a commissão de salvação publica, dando-se-lhe por collegas Vandermonde, Berthollet, Hassenfratz, e encarregando-os das providencias necessarias ácerca dos meios de conservação e progresso das artes e das sciencias. Foi nesta reunião de sabios, que Monge aperfeiçoou um plano d'instrucção, que ha longo tempo projectava, e que deu logar á formação da escola polytechnica, da qual foi o principal fundador. Entrou em o numero de sabios, que seguiram Buonaparte na sua expedição ao Egypto: foi membro do senado conservador, e posteriormente da camara dos pares com o titulo de conde de Peluse; e apesar de ter a final [sorte dos homens grandes] decahido de todas estas honras, sendo até privado de uma pensão que recebia, Monge conservou sempre a estima e a amisade dos seus numerosos discipulos, e a affeição de todos os sabios. É tambem considerado como um dos grandes mathematicos deste seculo pela invenção da *Geometria descriptiva*.

ECONOMIA DOMESTICA.

Maneira de conservar frescas as carnes para uso de cosinha.

OS HABITADORES do campo não tem como os das vil-las e cidades proporções para obter carne fresca amiudadamente: muitas vezes acontece que sómente de 8 em 8 dias lhes é praticavel mandar compra-la a logares distantes; e o resultado é ou corromper-se, principalmente na estação quente, humida e de trovoadas, ou privarem-se forçadamen-

te deste alimento, o mais substancial. Em quasi todas as casas se conhece algum methodo defeituoso e insufficiente para conservar a carne fresca o mais longo tempo possivel; e quasi sempre nas circumstancias supra-indicadas acontece corromper-se, ou pelo menos alterar-se sensivel e desagradavelmente. Uma experiencia moderna nos apresenta um methodo facillimo para a conservação desejada, e é o seguinte:— Lançai n'um grande taxo, ou bacia d'arame uma pouca d'agua, que cubra bem o fundo, collocai no meio desta vasilha um tóro de páu assaz solido, e affieçoado para sustentar-se a pé e direito: este tóro ou cilindro de madeira será guarnecido de ganchos, ou compridos pregos de ferro recurvados de modo que nelles se sustentem dependurados os pedaços da carne que se quer conservar; ficando, bem entendido, estes acima da superficie da agua sem que esta os toque. Accendei então firmando-a n'um dos ganchos ou pregos inferiores, uma mecha ou torcida forte de panno enxofrado, e depois d'accendida cobri tudo com um vaso de louça de dimensão sufficiente sem respiradouro algum, e de modo que este tapadouro entre dentro do taxo ou bacia. A combustão da mecha sulphurada produz um gaz sulphurico que inunda e penetra a carne sem que aquelle possa escapar-se por estar hermeticamente fechado pela superficie da agua inferior, e fóra della pela espessura do vaso. Alguns minutos depois tirai a carne que quereis empregar no mesmo dia; a restante se conservará fresca e incorrupta não só 8 mas 10 e 12 dias, segundo a localidade, mais ou menos fresca e sêcca.

Modo de tirar o máu cheiro á carne, e ao peixe que começa a corromper-se.

Metta-se dentro d'um taxo ou marmitta a carne ou o peixe, que já tem bafio ou principio d'alteração, coberto d'agua fria: posto ao lume em fogo brando, ide escumando á proporção que a quasi fervura se estabelece; escumada lançai na agua da marmitta uma braza forte, e bem acceza, de lenha de páu solido, e sem fumo algum; mergulhando a braza deixai-a ahi por dois ou tres minutos. O carvão nesse espaço de tempo terá atrahido a si todo o fetido da carne ou peixe, assim como o que se communicou á agua. Tirai depois a carne, ou peixe assim purificado, do vaso e enxugai-os sufficientemente para lhe dar o destino conveniente. A carne assim purificada fica tão fresca e pura como antes da sua alteração, e nada perde do seu sabór natural, assim como o peixe.

Conservação das batatas.

Não é tão commum como ver grelar e germinar as batatas no celleiro quando se aproxima a estação quente, ou quando se guardam inconsideradamente em monte em sitios humidos e mal arejados. A batata grelada não serve senão para semear, e ainda isto com grande precaução; para o alimento está perdida. Entretanto existe um meio facil para as conservar não só d'um anno até ao outro mas 4 e 6 annos: consiste em dar-lhes uma escaldadella em agua fervente, de modo com tudo que não lhes rompa a pelle. Feito isto tiram-se, enxugam-se muito bem, e se depositam espalhadas em sitio sêcco. O calor d'um forno póde supprir o da agua; é necessario porem neste caso que ainda tenham a pelle fresca e flexivel, aliás estalaria.

Methodo de preservar o azeite do ranço.

Na Italia jámais deixam ao azeite tornar-se rançoso para o que usam o methodo seguinte:—cobrem a superficie do azeite nas talhas, ou em garrações com uma ou duas pollegadas d'aguardente de 33 gráus, e tampam ou roham depois bem ajustadamente. A aguardente ou o espirito de vinho tem a propriedade de manter-se sobre a superficie do azeite em rasão do seu peso especifico, e d'interceptar assim toda a communicação do ar que é o principio do ranço.

A ARTE é a applicação do saber a um fim pratico: se o saber consiste sómente em experiencias accumuladas a arte é *empirica*; mas se é fundado em experiencias guiadas por principios geraes, e analisadas pelo raciocinio, assume character mais nobre e vem a ser *arte scientifica*. No progresso do genero humano da barbaria para a vida civil, as artes necessariamente precedem a sciencia; porque é mister percorrer o circulo dos prazeres de inferior ordem, e acha-lo insufficiente, antes de se introduzirem insensivelmente os prazeres intellectuaes. — *Herschel*.

Uma etymologia. — *Penxe* é uma voz que na lingua dos persas quer dizer o numero cinco: na Persia por este nome denotam uma bebida muito usada, que se compõe de cinco ingredientes, a saber; assucar, *aráca* ou aguardente de arroz, çumo de limão, chá e agua. É desta raiz *penxe* que provavelmente descende o inglez *punch*, para designar a bebida quente, que muitos povos adoptaram com pouca alteração na palavra.

Outra etymologia. — Em lingua persa *pai* significa *pé*, e *schah* rei ou imperador: da composição das duas veio o nome *pachá*, para os visoreis ou governadores das provincias turcas; e vale tanto como dizer «aquelle ministro é um pé em que o monarcha se firma.»

Labyrintho de Cortyna. — Alguns modernos tomaram esta formosa obra da natureza por um vasto monumento do primitivo tempo da architectura: é porem simplesmente um antro ou caverna immensa que por milhares de voltas e rodeios, semelhantes a ruas sotterradas, se prolonga e entranha por uma collina do famoso monte Ida na ilha de Creta, hoje Candia. Por uma infinidade de caminhos se vai a final parar em becos sem sahida; mas uma rua principal, que terá d'extensão mais de 1:300 passos, conduz a uma sala grande e bella, situada no fim do labyrintho, e que tem de pé direito sete a oito pés, com o pavimento muito enxuto, e o tecto de rocha viva. Provavel é que os cretenses, que originariamente habitavam cavernas, alargassem mais o labyrintho, e o fizessem mais commodo e mais regular: ao presente só os morcegos vão buscar refugio nesta amplissima gruta. Tambem é crível que esta obra natural desse origem em parte á fabula do minotauro, encerrado no maravilhoso labyrintho de Creta, e que se apascentava das victimas humanas, que lhe lançavam.

QUAL é d'ordinario o instante da ventura? O que precede os pezares; o enfeitado precursor dos sofrimentos. — *Arlincourt*.